

OS LUGARES DE MEMÓRIA OPERÁRIA VERSUS A GENTRIFICAÇÃO: O CASO DA PRAÇA DO FORRÓ, EM SÃO MIGUEL PAULISTA

Lucas de Paula Landin¹

Resumo

Esse artigo busca demonstrar que a utilização da gentrificação como política pública, para a requalificação urbana de lugares de memória operária resulta na dissolução da consciência de classe difusa na população trabalhadora que habita o seu entorno. O artigo estudará o processo de requalificação urbana da Praça do Forró, um local de memória operária nordestina na zona leste da cidade de São Paulo, para compreender se tal processo ocasionou a perda de consciência de classe difusa entre os moradores daquela localidade, por muitos anos apelidada de *Cinturão Vermelho*, devido ao amplo apoio popular a partidos de esquerda.

Palavras-chave: Gentrificação, Revitalização urbana, Luta de Classes, Marxismo, Lugar de Memória.

Abstract

This article seeks to demonstrate that the use of gentrification as a public policy of urban requalification for places of worker memory results in the dissolution of the diffuse worker class consciousness in the population who lives in the surrounding. The article will study the process of urban requalification of Forró Square, a place of brazilian northeast worker memory in the city of São Paulo, to understand the consequences of this process for the dissolution of class consciousness in that locality, for many years dubbed the *Belt Red of São Paulo*, due to the widespread support of its residents for left-wing parties.

Keywords: Gentrification, Urban revitalization, Class Warfare, Marxism, Place of Memory.

¹ Universidade Federal do ABC. E-mail: deplandin@gmail.com

Introdução

As instalações fabris da Companhia Nitro Química Brasileira mudaram a história de São Miguel Paulista. O bucólico vilarejo na zona leste da cidade de São Paulo passou a crescer, ampla e desordenadamente, e virou casa para milhares de migrantes nordestinos que chegavam em caminhões mandados pela própria companhia ao Nordeste. Com a indústria, chegaram também as mazelas intrínsecas ao capitalismo: a fome, a desigualdade pulsante e a exploração dos trabalhadores.

Nem as políticas sociais aplicadas pelo presidente Getúlio Vargas foram suficientes para evitar a eclosão de um grande movimento operário em São Miguel. Os trabalhadores, reunidos em volta da Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, no centro do bairro, organizaram a maior célula do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na década de 1940, e ajudaram a eleger o primeiro deputado comunista do país. Foi assim que o bairro e seus vizinhos passaram a ser conhecidos como o *Cinturão Vermelho* da capital, ou seja, uma região com forte inclinação a apoiar partidos ideologicamente de esquerda, com ideais comunistas e trabalhistas. Naquela praça central, multiplicavam-se também as apresentações culturais dos nordestinos, que, por sua vez, não deixavam de serem importantes manifestações políticas, frente à xenofobia que enfrentavam dos paulistas.

Contudo, foi apenas no governo de esquerda de Luiza Erundina (1989-1992), a primeira prefeita nordestina da cidade de São Paulo, que a praça central virou a “Praça do Forró”. O ambiente foi reconhecido pelo Estado como local de memória operária, ganhando um palco e incentivo para que as manifestações culturais fossem preservadas por ali, o que garantiria a manutenção da memória de luta política e cultural dos operários para as próximas gerações. Todavia, cerca de dezessete anos depois, no governo do prefeito Gilberto Kassab, a praça foi reformada, perdeu suas características históricas, e a região sofreu um processo de gentrificação.

Atualmente, é fato que a reorganização do espaço urbano é cada vez mais utilizada como programa de governo na gestão pública de estados e municípios no Brasil. Todavia, são poucos os estudos que abordam as consequências políticas do avanço desse tipo de programa sobre os locais de memória operária, como os que foram levados a cabo pela gestão de Kassab e José Serra (2005-2012), em São Paulo, onde essa agenda se expressou na configuração de projetos como a Nova Luz, a revitalização do Largo da Batata, da Praça Roosevelt, entre outros.

Esse artigo busca demonstrar que a utilização da gentrificação, como política pública para a requalificação urbana de lugares de memória operária resulta na dissolução da consciência de classe difusa na população trabalhadora que habita o seu entorno, possuindo também um objetivo político. O artigo estudará especificamente o processo de requalificação urbana da Praça do Forró, para compreender se tal processo afetou a consciência de classe difusa entre os moradores daquela localidade.

A Praça do Forró e suas raízes operárias

Na década de 1930 o Brasil vivia sobre o auge do Estado Novo. A política econômica do presidente Getúlio Vargas se alicerçava na implementação do modelo de substituição de importações, o que culminou num impulso para o desenvolvimento industrial do país (BRESSER-PEREIRA, 1977). É nesse contexto que o bairro de São Miguel Paulista, em São Paulo, que até então se caracterizava por ser um ambiente rural, ganha a sua primeira indústria: a Companhia Nitro Química Brasileira, em 1937.

O estabelecimento da companhia, a primeira indústria de nitrocelulose do mercado nacional, fora um divisor de águas na história do bairro. O bucólico vilarejo no extremo da zona leste da cidade, outrora morada dos primeiros jesuítas portugueses, torna-se um grande polo industrial, e rapidamente começa a atrair uma série de mão de obra migrante, oriunda principalmente da região Nordeste do país. Segundo Fontes (2008), para intensificar a vinda desses migrantes, a própria companhia enviava caminhões ao interior do Nordeste para recrutar trabalhadores daquela região para atuarem como operários em sua fábrica em São Miguel. Formava-se então uma das maiores colônias nordestinas da cidade de São Paulo.

As instalações fabris da Nitro Química se localizavam em plena região central de São Miguel. Perto dali, encontrava-se a Igreja de São Miguel Arcanjo, na praça central. Como certamente o catolicismo era um dos poucos pontos de nacionalidade em comum que os migrantes do Nordeste partilhavam com os seus conterrâneos do Sudeste na época, o fluxo de pessoas na Igreja e conseqüentemente, na praça, aumenta consideravelmente com a migração, fazendo daquela região o ponto de encontro entre os nordestinos residentes de todas as partes de São Miguel.

Em 1940, os operários migrantes começam a se reunir na praça aos finais de semana, para ouvir e dançar ao som de bandas de forró nordestinas. Também havia naquele local uma tradicional feira, onde se vendia comidas, roupas e objetos típicos do Nordeste. Mas além da tradição cultural, a praça também foi palco de grandes movimentos políticos operários. A

célula do Partido Comunista Brasileiro (PCB) de São Miguel, a maior do Estado de São Paulo na época, realizava ali manifestações contra os abusos cometidos pela Nitro Química para com os seus funcionários. A partir dessas atividades políticas, o bairro e as redondezas passaram a ser chamados de *Cinturão Vermelho* de São Paulo, ou seja, uma região com forte inclinação a apoiar partidos ideologicamente de esquerda, com ideais comunistas e trabalhistas (FONTES, 2008).

Com a cassação do sindicato dos químicos pelo governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, os operários comunistas fundaram, também na praça, o Movimento Popular Autonomista (MPA), que ali realizou grandes comícios políticos, e posteriormente viria lutar pela emancipação política de São Miguel. Após o golpe civil-militar de 1964, a praça também foi palco do Movimento Popular de Arte, que fazia apresentações artísticas pedindo o fim do regime autoritário (ALVES, 2012).

Após o restabelecimento da ordem democrática no país, em 1985, a praça central passou por duas grandes intervenções do Estado. Em 1992, durante o Governo Luiza Erundina, a primeira prefeita de esquerda e de origem nordestina da cidade, a praça transformou-se oficialmente em um espaço de memória nordestino em São Paulo. Foi reformada, ganhando um palco em formato de chapéu de cowboy, onde passaram a ser feitas apresentações de forró todos os fins de semana e feriados. Assim, a praça atraiu ainda mais público nordestino de toda a zona leste de São Paulo, ganhou o apelido de Praça do Forró, e se tornou um lugar de memória operária nordestina. Segundo Nora (1993) lugares de memória podem ser definidos como pontos onde se resguardam a memória coletiva sob um contexto de aceleração da história.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas [...]. Sem vigilância ‘comemorativa’, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. (NORA, 1993, p. 13)

Dezesseis anos mais tarde, em 2008, durante o governo de centro-direita do prefeito Gilberto Kassab, é realizada ali uma segunda intervenção: a praça e seu entorno foram alvo de um processo de revitalização, perdendo quase todas as suas características originais. O palco foi demolido e o chão, concretado. Com recursos da Lei Rouanet, a Igreja histórica ganhou um cercado e transformou-se em museu. As apresentações de música e dança pararam de acontecer ali e não foram transferidas para outro local (RAMOS, 2007). Desde então, a região

passa por um processo de gentrificação, que ganhou força após a confirmação do distrito vizinho de Itaquera² como palco da abertura da Copa do Mundo da FIFA de Futebol em 2014.

A gentrificação nos locais de memória operária

Gentrificação, do inglês *gentrification*, significa a reorganização de um espaço urbano, promovendo direta ou indiretamente uma limpeza social, ao remover um grupo inserido em um determinado local para substituí-lo por outro, geralmente de status mais elevado na sociedade. O termo, que foi usado pela primeira vez em 1964 pela socióloga Ruth Glass, deriva da palavra inglesa *Gentry*, nome dado ao estamento da nobreza na sociedade britânica, e foi cunhado para nomear o movimento de migração de moradores de classes altas para a periferia de Londres, até então ocupada por trabalhadores (GEVEHR; BERTI, 2017).

Por mais que a discussão sobre esse processo esteja em alta, ele não é exclusivo do mundo pós-moderno. Em sua época, Marx (1998) já citava que havia um movimento de “melhoria das cidades, acompanhando o crescimento da riqueza, através da demolição de quarteirões mal construídos, da construção de palácios para bancos, etc.” patrocinado pelo capitalismo. Harvey (1985) também cita a gentrificação como um processo intrínseco ao capitalismo, ressaltando que o fenômeno modifica o ambiente físico conforme o interesse de lucro por quem detém o capital.

Um ambiente físico criado em um determinado momento no tempo deve atender as necessidades daquela sociedade naquele momento determinado, mas tornar-se-á antagônico no futuro, na medida em que a dinâmica do processo de acumulação e o crescimento da sociedade alteram as necessidades de valor de uso tanto do capital quanto do trabalho. (HARVEY, 1985, p. 173).

Durante os anos 2000, a reorganização e o enobrecimento do espaço urbano tornam-se uma tática de investimento do capital financeiro especulativo internacional, sobre os cuidados do mercado imobiliário e com amplo respaldo e apoio do aparato estatal. No Brasil, é usual que o poder público assumira ainda o papel de condutor do processo enobrecimento urbano (BOTELHO, 2005).

Na cidade de São Paulo, a primeira grande tentativa de requalificação urbana classificada como gentrificação foi o projeto revitalização da zona Pari-Brás na gestão do prefeito Celso Pitta (2000). O projeto previa a expulsão de ambulantes da região de comércio

² O bairro de São Miguel Paulista fica no caminho entre a Arena de São Paulo, em Itaquera, sede da Copa do Mundo da FIFA de 2014, e o Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos. Depois da confirmação de Itaquera como sede, São Miguel passou a receber investimentos do setor imobiliário.

central da cidade e a doação de um terreno para a construção do edifício Maharishi Tower, que tinha a ambição de ser a maior torre do mundo, com 510 metros de altura, e de atuar como indutor da reconstrução e uniformização do centro da cidade (GONÇALVES, 2016). Esse último desejo, aliás, também norteou os projetos de requalificação da região da Luz, no Centro, e do Largo da Batata, na zona oeste, ambos nas gestões dos prefeitos José Serra (2005-2006) e Gilberto Kassab (2006-2012).

O projeto da Luz, o “Nova Luz”, chegou a demolir quarteirões inteiros, até então ocupados com habitação e comércios populares, para incentivar a ocupação desse espaço com grandes prédios comerciais modernos. O indutor desse “desenvolvimento” seria o Complexo Cultural Luz, um projeto assinado pelo renomado escritório de arquitetura suíço Herzog & de Meuron, que previa a instalação de um polo cultural com escola de dança, de música, que seria construído pelo Governo do Estado de São Paulo (MASSUELA; PEREIRA; FAGUNDEZ, 2015). A proposta foi abandonada pela gestão seguinte, do prefeito de centro-esquerda Fernando Haddad, mas não pelo seu teor gentrificador em si: a Prefeitura justificou que desistiu do projeto porque era caro demais para ser executado (SPINELLI, 2013).

Em nome dessa uniformização dos espaços na metrópole, a gentrificação destrói mais que símbolos materiais e imateriais quando avança sobre locais de memória operária: ela ajuda a remover toda a memória coletiva que o espaço mantém vivo com ele. Para Halbwachs (2006), a memória coletiva contribui para a percepção do ser humano como cidadão e como ator político do meio em que se insere. Portanto, ao levar o processo de gentrificação aos lugares de memória operária, o Estado e o mercado financeiro não atuam apenas com viés econômico, mas também com um viés político, já que este lugar contribui para formar uma determinada consciência de classe adquirida pelos trabalhadores que o frequentam. Ou seja, “requalificar” os locais de memória operária é como apagar a memória coletiva de uma determinada população (SCIFONI, 2013).

Para Rébérioux (1992 *apud* SCIFONI, 2013, p. 99), os lugares de memória operária podem ser classificados em três diferentes categorias: lugares de trabalho, lugares de solidariedade e sociabilidade e lugares simbólicos. Ela destaca os cafés parisienses do final do século XIX como um exemplo de lugar de solidariedade e sociabilidade dentro da França, onde os operários se reuniam para beber, fumar e cantar. A autora mostra que os trabalhadores aposentados frequentemente trazem muitas recordações acerca desses lugares em suas memórias. É também nesses locais que surgem inúmeras organizações políticas, como associações operárias, devido ao alto número de trabalhadores que os frequentavam.

Como apresentou Scifoni (2013), são justamente esses espaços de solidariedade e sociabilidade trabalhista que são pouco contemplados com políticas públicas de proteção e preservação, quase inexistentes. Os poucos programas de proteção aos lugares de memória operária restringem-se quase que unicamente à preservação de fábricas, galpões industriais, ferrovias e maquinário.

No contexto de intensa globalização econômica e social e com a crise de identidade do sujeito pós-moderno, a remoção dos lugares de memória operária pode ser crucial para finalizar a já combatida identidade de classe difusa entre os que outrora frequentavam esse espaço, de suma importância para que as gerações posteriores sequer tenham contato com ela [...] Os lugares de memória, inseridos num discurso patrimonial de identidade, servem a busca de um sentido social, uma maneira de organizar nossa relação com o passado, em um contexto histórico de mundialização da economia e da cultura e de mobilidade generalizada. (SCIFONI, 2013. p. 5)

Especificamente no caso da Praça do Forró, a Prefeitura de São Paulo, sob a gestão Luiza Erundina, inovou e reconheceu o local como de importância para resguardar a memória coletiva daquela localidade. Tal reconhecimento se concretizou na reforma realizada, que visava manter essa memória viva por meio de símbolos materiais, como o palco em formato de chapéu de *cowboy* e placas com o próprio nome (Praça do Forró), quanto por meio de símbolos imateriais, como as apresentações artísticas que eram incentivadas a continuar acontecendo ali. Já a reforma realizada pela gestão de Gilberto Kassab na praça visava apenas à homogeneização do espaço, tornando-o palatável para atrair investimentos do mercado imobiliário em seu entorno.

A pesquisa

Para compreender se o processo de requalificação urbana causou a dissolução da memória operária nordestina no bairro de São Miguel, e conseqüentemente, a dissolução da consciência de classe³ difusa naquela localidade, foi realizada uma pesquisa quantitativa, estruturada em questionários que foram aplicados aos frequentadores da Praça do Forró. Para Santos e Candeloro (2006), a pesquisa quantitativa é aquela se centra na objetividade, na qual os resultados podem ser quantificados. Um de seus objetivos é a mensuração de algumas variáveis, transformando-as em dados alcançados em ilustrações como tabelas, quadros e gráficos.

³ A teoria marxiana entende como "consciência de classe" a compreensão, por parte de um proletário, que ele pertence a um estado de exploração, onde a riqueza oriunda da sua produção laboral é extraída pela burguesia. O oposto disso é o que Marx chama de alienação (BODART, 2018).

O questionário aplicado foi dividido em oito perguntas, as duas primeiras para descobrir a faixa etária e se o entrevistado era morador(a) do bairro. As demais diziam respeito ao conhecimento histórico da localidade e sobre como o entrevistado se posicionava referente a temas atuais de interesse da classe trabalhadora, como a adoção de políticas redistributivas⁴ e o fim de direitos sociais garantidos pela Constituição Federal de 1988. Esse último grupo de questões foi a saída encontrada para aferir quantitativamente se havia diferença de pensamentos de classe entre as faixas etárias, já que não há relatos de outras pesquisas semelhantes baseadas na teoria marxiana.

O recorte de público foi feito em duas faixas etárias: jovens até 25 anos e idosos a partir dos 60 anos, todos moradores de São Miguel, para compreender se há diferença de resultado entre quem viveu na época que a Praça era um local de memória e quem não viveu nesse período. A previsão inicial era entrevistar um grupo de cem pessoas em cada faixa etária, mas, devido ao curto espaço de tempo, foram consultadas cem pessoas do primeiro grupo e sessenta pessoas do segundo, durante três dias.

Tabela 1: Resultados obtidos na pesquisa com os jovens de São Miguel, até 25 anos

Você é morador (a) do bairro de São Miguel Paulista?		Você sabe a origem do nome “Praça do Forró”?		Você sabia que a Pça. do Forró era um importante ponto de encontro político e cultural dos trabalhadores da Cia. Nitro Química?		Atualmente, você se autocalifica como seguidor de alguma ideologia política (esquerda, direita, centro)?		Você é a favor da cobrança de impostos para mais ricos e diminuição de impostos para os mais pobres?		Você é a favor da diminuição de direitos trabalhistas, como por exemplo, a reforma da Previdência?		Você é a favor do fim do Sistema Único de Saúde (SUS)?	
Sim	100%	Sim	40%	Sim	0%	Direita	20%	Sim	30%	Sim	60%	Sim	90%
Não	0%	Não	60%	Não	100%	Centro	10%	Não	70%	Não	40%	Não	10%
						Nenhuma	70%						

Fonte: Autor, 2018.

⁴ As políticas redistributivas são aquelas que alocam bens e serviços para um determinado grupo social, com recursos oriundos de outro grupo social. Um exemplo é a política tributária (RUA, 2014).

Tabela 2: Resultados obtidos na pesquisa com os idosos de São Miguel, a partir de 60 anos

Você é morador (a) do bairro de São Miguel Paulista?		Você sabe a origem do nome “Praça do Forró”?		Você sabia que a Pça. do Forró era um importante ponto de encontro político e cultural dos trabalhadores da Cia. Nitro Química?		Atualmente, você se autocalifica como seguidor de alguma ideologia política (esquerda, direita, centro)?		Você é a favor da cobrança de impostos para mais ricos e diminuição de impostos para os mais pobres?		Você é a favor da diminuição de direitos trabalhistas, como por exemplo, a reforma da Previdência?		Você é a favor do fim do Sistema Único de Saúde (SUS)?	
Sim	100%	Sim	100%	Sim	83%	Direita	17%	Sim	83%	Sim	0%	Sim	33%
Não	0%	Não	0%	Não	17%	Esquerda	17%	Não	17%	Não	100%	Não	67%
						Nenhuma	67%						

Fonte: Autor, 2018.

Apesar do relativamente pequeno espaço amostral, é perceptível que há uma diferença entre a consciência de classe dos moradores mais velhos de São Miguel, quando comparamos com a dos mais jovens. A maioria dos jovens é favorável à retirada de direitos trabalhistas (60%), do fim do SUS (90%) e contra políticas redistributivas (70%). Nenhum jovem entrevistado sabia da história do local antes do processo de requalificação urbana e apenas 40% delas sabiam o significado do nome da praça.

Já entre os mais velhos, a maioria se mostrou favorável aos direitos trabalhistas (Tabela 2), apesar do patamar de pessoas que não se classificavam politicamente ser equivalente (67% dos idosos contra 70% dos mais jovens). Ou seja, apesar de não estarem alinhados com partidos de esquerda no momento atual do país, as respostas caminham no sentido de dizer que os mais velhos possuem consciência sobre sua classe social, o que não se verifica entre os mais jovens. Entre os mais velhos, 83% também afirmaram que sabiam a histórica política e cultural do local, formando portanto, um número expressivo para o presente artigo.

É interessante destacar que a ideologia política pessoal de cada entrevistado não é o determinante, na interpretação deste artigo, para definir se uma pessoa possui consciência de classe ou não, e sim o posicionamento sobre os temas acima mencionados. Esse ponto é reforçado, aliás, pelas respostas recebidas na pergunta “Atualmente, você se autocalifica como seguidor de alguma ideologia política (esquerda, direita, centro)?”, em que 67% dos mais velhos e 70% dos mais jovens não se autocalifica como seguidor de alguma ideologia política, seja ela esquerda, direita ou centro. Apesar de ambos os grupos terem se posicionado

em sentidos opostos na maioria dos questionamentos, como já vimos, ambos convergem ao dizer que não simpatizam com nenhum espectro político.

Considerações finais

Ao se analisar o resultado da pesquisa, é possível dizer que está ocorrendo uma perda de consciência de classe e da própria história entre os moradores de São Miguel. Sem contato com a cultura e a história política de um lugar de memória que não existe mais, os jovens demonstraram ter pouco conhecimento sobre suas origens, e tampouco se sentem pertencentes a uma classe trabalhadora, no sentido marxiano do termo.

Certamente, o momento político em que atualmente se encontra o mundo e o Brasil exerceu um grande peso no resultado da pesquisa, mas quando comparamos as respostas dos jovens com as respostas fornecidas pelos mais velhos, percebemos que o processo de requalificação urbana ocorrido na Praça do Forró certamente ele teve uma significativa influência nesse processo de perda de consciência. Portanto, além de motivos econômicos, motivos políticos também podem ter se manifestado na decisão de destruir um espaço também político, preservado enquanto local de memória operária por uma gestão municipal de esquerda.

Em um mundo pós-moderno cada vez mais globalizado, onde as narrativas são demasiadamente alienantes e caminham para dividir e segregar a classe trabalhadora em diferentes grupos sociais, os locais de memória possuem uma função pedagógica e política. Preservá-los é como um ato de resistência nas urbes, não só contra os interesses políticos em sua dissolução, mas também contra os interesses econômicos, intrínsecos a qualquer processo de gentrificação.

Portanto, não só é urgente que a sociedade civil organizada tome ciência desse processo e reivindique aos órgãos de Estado a criação de políticas públicas para tais locais, como também é urgente a manutenção de contínua vigilância social, para que a história e toda sua carga política não se perca entre uma eleição e outra, ou entre um interesse imobiliário e outro.

Referências bibliográficas

ALVES, E. Praça do Forró – São Miguel Paulista. Disponível em: <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2012/12/praca-do-forro-sao-miguel-paulista.html>. Acesso em: 20 de Outubro de 2018.

BODART, C. Para entender de uma vez o que é “consciência de classe”. Disponível em: <https://www.cafecomsociologia.com/consciencia-de-classe/>. Acesso em: 20 de Outubro de 2018.

BOTELHO, T. Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. **Revista eure**. Santiago, n. 93, 2005. p. 53-71. Disponível em <https://scielo.conicyt.cl/pdf/eure/v31n93/art04.pdf>. Acesso em: 20 de Outubro de 2018.

BRESSER-PEREIRA, L. C. **Estado e subdesenvolvimento industrializado**: Esboço de uma economia política periférica. São Paulo: Brasiliense, 1977.

FONTES, P. **Um Nordeste em São Paulo**: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66). Rio de Janeiro: FGV, 2008.

GEVEHR, D. L.; BERTI, F. Gentrificação: um discussão conceitual. **Políticas Públicas & Cidades**, v. 5, n. 1, 2017. p. 85-107. Disponível em: <https://doi.org/10.23900/2359-1552v5n1>. Acesso em: 20 de Outubro de 2018.

GONÇALVES, D. N. Maharishi São Paulo Tower tem história contada em livro. Disponível em <https://vejasp.abril.com.br/cidades/maharishi-sao-paulo-tower-tem-historia-contada-em-livro>. Acesso em: 20 de Outubro de 2018.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, D. **The Urbanization of Capital**. Oxford: Basil Blackwell, 1985.

MARX, K. **O Capital**, Livro I, volume I. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MASSUELA A.; PEREIRA, E.; FAGUNDEZ, I. Governo desiste de erguer complexo cultural em terreno na região da Luz. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/11/1703256-governo-desiste-de-erguer-complexo-cultural-em-terreno-na-regiao-da-luz.shtml>. Acesso em: 20 de Outubro de 2018.

NORA, P. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p.7-28, 1993.

RAMOS, V. Praça do Forró, em São Miguel, é revitalizada pela Prefeitura. Disponível em: http://www.itaimpaulista.com.br/portal/index.php?secao=news&id_noticia=317&subsecao=21. Acesso em: 20 de Outubro de 2018.

RUA, M. G. Políticas públicas. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/145407/1/PNAP%20%20Modulo%20Basico%20-%20GPM%20-%20Políticas%20Publicas.pdf>>. Acesso em: 20 de Outubro de 2018.

SANTOS, V.; CANDELORO, R. **Trabalhos acadêmicos**: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre: Age, 2006.

SCIFONI, S. Lugares de memória operária na metrópole paulista. **Revista GEOUSP, espaço e tempo**, São Paulo, n. 33, p. 98-110, 2013. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74304>. Acesso em: 20 de Outubro de 2018.

SPINELLI, E. Haddad engaveta plano de Kassab do projeto Nova Luz em SP. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/01/1219633-haddad-engaveta-plano-de-kassab-do-projeto-nova-luz-em-sp.shtml>. Acesso em: 20 de Outubro de 2018.